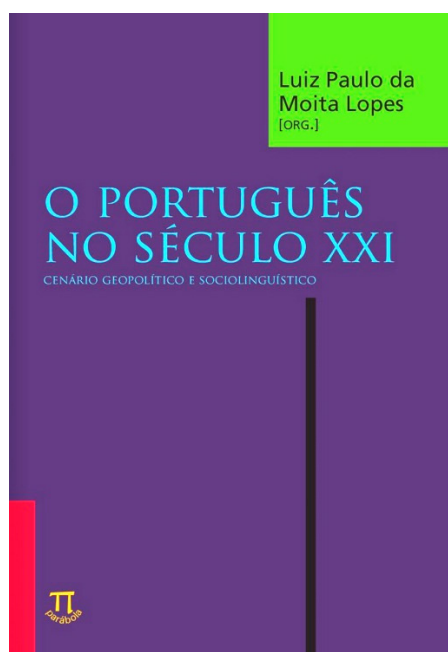


## RESENHA / REVISIÓN / REVIEW



MOITA LOPES, L. P. Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: MOITA LOPES, L. P. *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 101-119.

**Francisco Pinheiro de Assis\***

Universidade Federal do Acre (UFAC)

**Tayson Ribeiro Teles\*\***

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Luiz Paulo da Moita Lopes, doutor em linguística aplicada e docente da UFRJ, em *Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural*, seção da obra *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*, de 2013, discute as relações existentes entre o discurso (em *lato sensu*: a língua), as práticas sociais e a teorização da língua(gem) no mundo atual, principalmente no Brasil. Isso na medida em que já inicia seu texto asseverando ser o “português” a plataforma por que é dissipado o discurso enunciado pelo brasileiro de um modo geral, dentro de seu multifacetado cabedal de práticas sociais e identidades regionais.

Dimana o autor que, atualmente, é preciso teorizar a língua vernácula de uma nova forma. As plataformas em que o discurso é produzido e propagado mudaram. Surgiram a globalização e a *internet*. Assim, com tal mudança de baldrames, o discurso também mudou e é preciso (re)significar a forma de teorizá-lo. Sendo mister, inclusive, compreender que o discurso mudou porque a língua mudou e quem a modificou fomos nós, os homens construtores da história e suas narrativas.

Moita Lopes propala que é preciso mudar a forma de teorizar a língua pátria, contudo não traz a receita perfeita para tal. Aduz ser preciso mudar a forma de teorizar, pois acredita ser inexequível deixar de teorizar. Concordamos com isso, pois as mudanças na

---

\* Doutor em História pela PUC-SP. Professor Adjunto da UFAC. E-mail: francppinheiro@gmail.com.

\*\* Mestrando em Letras: Linguagem e Identidade pela UFAC. Técnico Administrativo da UFAC. E-mail: teles-acre@hotmail.com.

língua(gem) ocorrem graças às práticas sociais, bem como a língua(gem) não é fixa nem tampouco a identidade o é e o ato de teorizar precisa, *prima facie*, ser fixo. Perceba-se: para o autor, não é a teoria que tem de ser fixa e sim o ato de teorizar.

Moita Lopes diz que a teoria é relevante, porquanto, por meio do que Bhabha (2005) chamou de *tradução*, as teorias já existentes são objetos perenes da interpretação direcionada a criar novas teorias. Nesse sentido, aquiescemos, afinal Bhabha acredita que, como dizia Lavoisier, *nada se cria, tudo se transforma*.

Para o autor, cada posição é sempre um processo de *tradução* e transferência de sentido. Além do que, o motor da negociação política exige que questões de organização (de massa social) sejam teorizadas, pois numa noção de comunidade não há lugar para ideias unitárias. Também cremos nisso, visto que de veras não há representações unitárias em ideologias políticas. Quase tudo sempre representa um ideário coletivo ou um discurso de poucos que tem certa *vontade de ser popular* (comum).

Moita Lopes consubstancia que hoje em dia nada se faz sem discurso. O mundo atual é o mundo da compreensão e está repleto de diásporas e hibridizações. Nessa perspectiva, o autor examina a língua(gem) do ponto de vista do desmantelamento das fronteiras e da eliminação da soberania dos Estados Nacionais, provocados pela globalização institucionalizada e perversa, a qual tem origem na pobreza e na injustiça – segundo o autor.

Diz que, dados os atuais fenômenos das emigrações e hibridismos, existe certa recusa por qualquer tipo de *pureza dialetal*. Concordamos, afinal hodiernamente as identidades são cambiantes e existe o que se chama de transidiomaticidade. Praxiologicamente falando, vive-se em um socio-interacionismo pleno, afirma o teórico. Aqui ele nos confronta a nos perguntarmos se a pureza linguística do vernáculo brasileiro pode ser quebrada nos dias atuais na medida em que temos produzido invasões de uma língua em outras, mormente o inglês, o qual tem vocábulos com significações em várias línguas, principalmente pelo fato de ser o idioma mais utilizado em instrumentos de informática. Inquire-nos ele: o português deve ser teorizado nos dias atuais de que forma?

Nesse contexto é que, para o autor, surge a atual necessidade de (re)significar o estudo linguístico e teórico da língua(gem) portuguesa, língua(gem) esta que para ele é a simbolização, entendamos representação, do real. Moita Lopes acredita ser necessário extirpar as dicotomizações presentes na atual base teórica da língua portuguesa e buscar uma forma *padrão* de teorização.

Buscando novas formas de teorizar, o autor rememora Saussure, dizendo que para este a fala era heteróclita e por isso de difícil estudo, mas que findou por ser estudada. Assevera, então, que neste processo de estudo da fala, bem como da língua e da linguagem de um modo geral, muita coisa foi sendo deixada de lado quando novas teorias surgiam. Aqui, nos inquieta a perguntarmos: hoje em dia o que temos de deixar de lado, a fim de teorizarmos por novos caminhos o “português”?

Moita Lopes lembra do *gerativismo* enquanto escola de pensamento que historicamente propõe representações quase matemáticas e positivistas para as estruturas das línguas, propagando haver uma espécie de *gramática universal*, pois as pessoas nasceriam com um plexo de conhecimentos linguísticos comuns a todos os idiomas existentes. Aqui, nos faz pensar: será mesmo que já nascemos com conhecimentos incrustados em várias línguas e, portanto, devemos teorizar o português relacionando-o com outros idiomas?

O autor, em agudo comportamento observacional da atual linguística aplicada, acredita que a prevalência da abordagem formalista da linguística faz com que os falantes sejam usuários de teorias pré-produzidas, o que contraria o ideal bakhtiniano de que a atividade enunciativa é interacionista *de per se*. Concordamos, afinal, por ser a língua(gem) um construto social é que existe a necessidade do desenvolvimento de consciência fonêmica na aprendizagem da leitura e da escrita/teorização.

Moita Lopes acredita que a necessária (re)significação da linguística aplicada e, portanto, da forma de teorizar a língua portuguesa deve se ater à valorização da *interdisciplinaridade*. Não pode cada ciência estudar apenas seu objeto. É preciso que a gramática estude a semântica, os regionalismos, os modismos etc. Assim, estar-se-á verdadeiramente teorizando uma língua(gem) que é resultado das diversas interações sociais ocorridas no atual mundo globalizado. Corroboramos essa ideia, pois de fato isolacionismos não perfectibilizam visões globais em nenhuma situação.

Nessa direção da interdisciplinaridade, pensamos ser factível atrelar tais ideias com as de Rajagopalan (2003), teórico da linguística que se manifesta como opositor às críticas tecidas em desfavor do chamado *imperialismo linguístico* norte-americano, afirmando que as críticas erigidas contra a expansão do inglês americano pelo mundo são obsoletas e fundamentadas em ideários nacionalistas. Nesse meandro, Rajagopalan não defende o imperialismo, mas diz ser necessário no atual mundo diaspórico, híbrido e heterogêneo, ensinar línguas estrangeiras e incorporá-las nas identidades dos povos, sem, contudo, necessariamente dominá-los. Tal atitude entrona o ideal sociointeracionista da transidiomaticidade proposta pela linguística crítica.

Outrossim, Moita Lopes, pensando contrariamente aos ideais de outros vários estudiosos, para os quais cada ciência deve ater-se exclusivamente ao seu objeto e método, acredita que a interdisciplinaridade não é apenas o empréstimo de conceitos, é a construção conjunta de conhecimento. Diz ele que a complexidade de sujeitos e objetos humanos está enovelada em uma única trama e, por isso, não há problemas em misturá-los.

O autor esclarece que no início do século XX o linguista foi afoito e, em um *equivoco aplicacionista*, estabeleceu uma relação unidirecional entre teoria e prática. Esta visão, conforme ele, precisa ser vencida pela compreensão de que a prática pode sim alterar a teoria.

Por fim, para Moita Lopes deve-se teorizar o “português” brasileiro para materializar a evolução da língua(gem) que aqui falamos e, portanto, da cultura brasileira. Concordamos com isso e cremos, ainda, ser preciso nesse processo enxergar o vernáculo pátrio como um objeto social construído por sujeitos heterogêneos que a todo o momento interagem. Desse *modus*, seremos levados a respeitar os regionalismos, as gírias de grupos etc. enfim as individualidades humanas.

Ademais, as ideias do autor vão ao encontro das do já mencionado Bhabha (2005), na medida em que este afirma que a verdadeira teoria tem de erigir *negociações* e não *negações*. Isto é, ao teorizar é imprescindível valorar e respeitar o que já há de teoria, porquanto se negociando com a teoria existente se chega a novas teorias.

Portanto, como se vive hoje em dia, nos dizeres de Hall (2003), em um mundo globalizado, híbrido, diaspórico, cambiante, heterogêneo, repleto de incertezas e encharcado de tecnologias e outras plataformas que modificaram (e ainda estão modificando) os discursos e a língua(gem), é preciso compreender que a criação política deve sempre ser pensada como parte da história da forma de sua escrita/teorização, ou seja, o atual momento da vida humana e brasileira faz parte da história da forma pela qual tem se teorizado o vernáculo e não podemos fugir disso. Resta pensar se este modo de teorização (e sua história) é aprazível à hodiernidade ou não, ao que Moita Lopes nos incita muito bem na obra aqui analisada e comentada superficialmente. Então fica a pergunta: como e por que teorizar o “português” no século XXI?

## REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. O compromisso com a teoria. In: BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila e outras. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2005. p. 43-69.

HALL, Stuart. *Das diásporas: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

RAJAGOPALAN, K. A identidade linguística em um mundo globalizado. In: RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 65-70.

Recebido em 25/10/2015. Aceito em 19/01/2016.